

DIRETAS JÁ: A EXPLOSÃO DE UM POVO ¹

José Márcio Coelho ²

“O passado nunca está morto; ele sequer é passado”.

William Faulkner

RESUMO

A campanha das “Diretas já” foi um dos maiores movimentos civis, reivindicando eleições presidenciais diretas no Brasil, em meados de 1984. Somente com a aprovação da proposta da Emenda Constitucional Dante de Oliveira pelo Congresso Nacional é que a possibilidade destas eleições poderia se concretizar. Agregaram-se à campanha diversos setores da sociedade brasileira, inúmeros partidos políticos em oposição ao governo militar, além de lideranças sindicais, civis, estudantis e jornalísticas, unidas pelo desejo de eleições diretas para presidente da república. Essas manifestações fizeram com que o regime militar perdesse seu prestígio junto à população, e até entre os militares de baixo escalão, descontentes com seus salários consumidos pela inflação. A Emenda Dante de Oliveira foi rejeitada por não alcançar o número mínimo de votos para sua aprovação. Mas é consenso, no entanto, que o movimento pelas “Diretas já” teve enorme importância na redemocratização do país. E este processo de redemocratização completa-se com a volta do poder civil no ano de 1985, com a aprovação de uma nova constituição federal em 1988 e com a realização, em 1989, das eleições diretas para presidente da república.

PALAVRAS-CHAVE

Campanha diretas já, manifestações, redemocratização, regime militar.

INTRODUÇÃO

Estamos tão acostumados a criticar nossos políticos e as “feridas” de nossa tão atormentada democracia que, às vezes, esquecemos de valorizar um fato de aparência simples, mas repleto de significado, que são as conquistas de nossos direitos

¹Trabalho apresentado na disciplina de comunicação empresarial

² Acadêmico da IIIª fase da Administração do Centro Universitário Municipal de São José

democráticos, relativamente recentes em nosso país, e que certamente reiniciam no começo dos anos 80, na campanha das diretas. Esse fato é conhecido na história do Brasil, o que talvez se desconheça, seja a sua repercussão em todo país, como começou e por que o povo participou maciçamente das manifestações por todos os cantos do Brasil. Este então será o foco deste artigo, explicar como surgiu e como se manifestou a campanha das diretas no país.

Estas manifestações têm uma trajetória organizada e com amplo apoio de artistas, de estudantes e dos partidos políticos de oposição ao regime militar que foram criados nesta época, já no contexto da abertura política, com o estímulo do governo ao pluripartidarismo.

Mas o “estopim para detonar” o fim da ditadura e o recomeço da democracia foi o povo nas ruas de todo país, com milhares de vozes gritando, e repetindo inúmeras vezes, o que se tornou a “palavra de ordem” dos grandes comícios pelas diretas, “Um, dois, três, quatro, cinco, mil, queremos eleger o presidente do Brasil”.

1 RESGATE HISTÓRICO ANTECEDENTE À CAMPANHA DAS DIRETAS

Para podermos entender sobre a campanha das “Diretas já”, temos que nos reportar aos anos que antecederam este evento. É sabido que entre os anos de 1964 até 1985 estivemos sob o regime militar, após a queda de João Goulart. Assume a presidência da república em 1964 o marechal Castelo Branco, a ele sucederam o também marechal Artur da Costa e Silva, e os generais Emílio Garrastazu Médici, Ernesto Geisel e João Batista Figueiredo respectivamente.

O Brasil se vê com mais “liberdade” em 1978 no governo do general Geisel, com uma nova lei de segurança nacional que extinguiu as penas de morte e de banimento, e reduzem outras; mas, ainda assim, mantém um caráter extremamente rigoroso. Neste ano, é também eliminada a censura prévia à imprensa, já então residual, pois recaía apenas sobre os jornais **O Estado de São Paulo** e **Tribuna de Imprensa** e o semanário **Opinião**. Neste período histórico (de 1964 a 1985), o Brasil apenas assiste às eleições presidenciais por voto indireto, que aconteceriam da mesma forma para governadores e vice-governadores de estados. Em 1979, o general Geisel indica para seu sucessor, que é eleito pelo voto indireto pelo colégio eleitoral, o general João Batista de Oliveira

Figueiredo e para vice-presidente o então governador de Minas Gerais, Aureliano Chaves.

Nesta época, o governo militar já sofria internamente a oposição de alguns generais, um dos quais foi lançado como candidato à sucessão de Geisel pelo MDB como oposição. Trata-se do general Euler Bentes Monteiro, derrotado pelo colégio eleitoral que na sua maioria era de apoio ao governo. Após tomar posse, em 16 de março de 1979, o general Figueiredo reafirmou a sua intenção de avançar na proposta de abertura política e jurou que a democracia seria efetivada no país. A grande medida do presidente Figueiredo e que marcou o início de seu governo foi a anistia política, com isso as prisões se esvaziaram e os exilados - entre eles Leonel Brizola, Luís Carlos Prestes e Miguel Arraes - puderam regressar ao país e retornar às atividades políticas. Ainda neste governo começa a reforma partidária, que acabou com o bipartidarismo que vigorava desde 1965 com a Arena, que se transforma no PDS (Partido Democrático Social), e o MDB, proibido de usar a mesma sigla adota a de PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro). Então, com a chegada do pluripartidarismo no ano de 1980, já com o PDS e o PMDB, segue-se a criação de outros partidos, o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) com Ivete Vargas, o PDT (Partido Democrático Trabalhista) com Leonel Brizola, o PP (Partido Popular) com a união de Tancredo Neves e Magalhães Pinto e o PT (Partido dos Trabalhadores) com o líder sindical dos metalúrgicos do ABC paulista, Luís Inácio Lula da Silva.

Esse ambiente político foi perturbado por uma série de atentados terroristas, que marcavam a presença de uma reação da extrema direita, contrária à abertura política. O mais grave deles aconteceu no dia do trabalhador, 1º de maio de 1981, no Centro de Exposições do Rio de Janeiro, com explosões de duas bombas, e que ficou conhecido como o “Atentado do Rio Centro”, que matou um sargento e feriu um capitão, ambos em “missão de informações”. Neste mesmo ano, o presidente Figueiredo sofre um infarto e viaja para os Estados Unidos para cuidar de sua saúde, com isso assume o seu cargo o então vice-presidente Aureliano Chaves, o primeiro civil a assumir a presidência desde 1964.

Nas eleições de novembro de 1982, por fim o povo vai às urnas para a escolha dos governadores de estados e de um terço do senado. A oposição em conjunto conseguiu 8 (oito) milhões de votos de vantagem sobre o PDS, que era na época o partido de situação. Mas graças a alguns artifícios da lei eleitoral, fizeram apenas 10 (dez) governadores, dentre eles os destaques para Franco Montoro em São Paulo, Tancredo

Neves em Minas Gerais e Leonel Brizola no Rio de Janeiro, que representavam estados com cerca de 60 % da população do país e que eram responsáveis por 75 % do PIB.

Em julho de 1983, o presidente João Figueiredo retorna aos Estados Unidos para cirurgia cardíaca. Assume seu cargo por 43 dias novamente o vice Aureliano Chaves. Com a repercussão positiva de comentários sobre as diferenças no modo de administrar o país, Aureliano se comportava de modo mais aberto e dinâmico na forma de governar. Figueiredo, por esta razão, desarmonizou-se com o seu substituto. Já neste ano, antes mesmo da viagem do presidente aos EUA, começam a surgir as primeiras manifestações públicas pelas eleições diretas. O povo queria não somente votar em governadores, e sim o tão sonhado voto para o mais alto posto do país, o de presidente da república.

2 AS MANIFESTAÇÕES DAS DIRETAS E SUAS REPERCUSSÕES POLÍTICAS

Com um período de quase 20 (vinte) anos de regime autoritário, a situação da economia financeira do país, em 1983, era das mais graves. A dívida externa era absurda e ultrapassava os 100 bilhões de dólares, crescendo com os juros exorbitantes. Para cobrir o *déficit* do tesouro, conseguiu-se uma dívida interna a patamares jamais registrados. Com todos esses resultados, o movimento das oposições pela eleição direta para presidente da república, conhecido como das “Diretas já”, que começa no decorrer de 1983, rapidamente se alastra por todo o país no ano seguinte, mobilizando milhões de pessoas em comícios e passeatas gigantescas.

No dia 31 de março de 1983 começa em Pernambuco, no recém emancipado município de Abreu e Lima, a primeira manifestação pública pelas eleições diretas. Por se tratar do primeiro ato público a quantidade de pessoas foi pequena, mas foi noticiado por todos os jornais do estado de Pernambuco na época. Daí por diante, as manifestações se seguiram por todo o Brasil, com muito mais pessoas nas ruas. Em 1983 as manifestações também aconteceram em Goiânia, em Teresina, novamente em Pernambuco, em São Paulo e em Ponta Grossa, e o agravamento da crise econômica coincidiu com o crescimento do movimento das diretas pelo país. Estas manifestações contaram com um infindável número de representantes de distintas correntes, com um único propósito, o desejo de eleições diretas para presidente da república.

O movimento pelas diretas no ano que se seguiu ganhou corpo e conseguiu reunir condições para se movimentar abertamente. Esses movimentos começam em Olinda, no início de 1984 e seguem por Curitiba, reunindo cerca de 50 mil pessoas. Os movimentos, em sua maioria, eram basicamente organizados por membros do PMDB, que se manifestavam amplamente contra o regime militar. Mas o primeiro grande comício da campanha das diretas foi marcado para o dia do aniversário da cidade de São Paulo, 25 de janeiro, que somente foi viabilizado graças a Franco Montoro, então governador de São Paulo. Este movimento na Praça da Sé, no centro da cidade, é o cenário para espalhar o movimento por todo o país. O dia estava chuvoso, mas aos poucos as pessoas iam chegando e lotando a praça, no final perto de 300 mil pessoas gritavam por diretas já. Neste dia, além dos políticos, artistas famosos como Chico Buarque, Fafá de Belém, Christiane Torloni, Gilberto Gil, Regina Duarte, Fernanda Montenegro, Bruna Lombardi e Alceu Valença também contribuía e fortaleciam com suas presenças, o pedido pelas diretas. A enorme demonstração da vontade do povo na Praça da Sé começa a ser escrito nos anais da história da política brasileira, como um belo momento de concentração dos interesses populares por um único objetivo, o de poder votar em presidente. Se por um lado, o movimento em Curitiba significou a primeira prova vitoriosa, o comício em São Paulo representou um forte impulso para os atos vindouros da mobilização popular em todo o país.

Depois desse comício seguem-se, como comentado, enormes comícios no país, reunindo 60 mil pessoas em Belém, 300 mil em Belo Horizonte, 200 mil na passeata no Rio de Janeiro - da Candelária à Cinelândia, em Natal com 50 mil pessoas, e complementando com dois dos maiores atos públicos que até hoje se viu, o do Rio de Janeiro, na igreja da Candelária, no dia 10 de abril, reunindo 1 milhão de pessoas e o do Vale do Anhangabaú, em São Paulo, no dia 16 de abril, com 1,5 milhão de pessoas. Neste dia, no Vale do Anhangabaú, as ruas se encheram de amarelo, nas roupas e faixas, que era a cor que simbolizava as diretas. Muitas pessoas amontoadas cantavam o hino nacional com orgulho e entusiasmo e de mãos dadas se emocionaram. O povo de todo o país que assistiu em cadeia nacional às reportagens da manifestação, sabia que aquela havia sido a maior manifestação política jamais vista e que era mais um forte pedido pelas diretas no país.

Após todas essas manifestações, a Emenda Constitucional (PEC) nº 5, que ficou conhecida como Emenda Dante de Oliveira, batizada com o nome do deputado federal autor da emenda constitucional, é votada no dia 25 de abril de 1984, sob grande

expectativa dos brasileiros. Porém não se alcançaram os votos necessários para a aprovação da emenda, obtendo 298 votos a favor, 65 contra e 3 abstenções. A maior parte dos deputados do PDS, que era o partido de sustentação do regime militar, votou contra a emenda ou não compareceu no plenário para votar. Após a não aprovação da emenda Dante de Oliveira, o povo vai para as praças e cria um novo *slogan*: “O povo não esquece, acabou o PDS”. Prevendo o que iria acontecer no ano de 1993, quando o PDS se transforma em PPR, e logo após em 1995, é novamente alterada, desta vez para PPB e por último para PP.

Contudo, não se pode negar que todo esse movimento da campanha pelas diretas impulsiona para o fim deste processo de redemocratização, que se conclui com a volta do poder civil em 15 de janeiro de 1985, com Tancredo Neves sendo eleito Presidente da República pelo colégio eleitoral. Porém Tancredo adoece e não chega a tomar posse, vem a falecer em 21 de abril do mesmo ano que é eleito. O então vice-presidente eleito, José Sarney, assume a presidência.

A derradeira eleição indireta do país determina o fim do regime militar, mas a mudança para a democracia somente se completa em 1988, ainda no governo José Sarney, com a aprovação de uma nova Constituição Federal e logo após com a realização das eleições diretas em 1989 para presidente da república. Fernando Collor de Mello assumiu o comando do país em 1990, e renuncia em 1992, após um processo de *impeachment*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje, muitas pessoas votam por obrigação, reclamando nas filas eleitorais, de cara amarrada. Porém, há mais de 20 anos, o povo enfrentava o governo militar para poder estar nestas filas para novamente poder votar para presidente. A campanha das diretas reuniu milhões de pessoas por todo o Brasil com um objetivo comum: reivindicar o direito ao voto, hoje garantido a todos os maiores de 16 anos.

Esta garantia de nossos direitos, como foi visto, somente foi conseguida com a união dos diversos partidos políticos de oposição e das mais variadas classes sociais, que buscavam através do voto para presidente poder mostrar que é através das lutas sociais que se consegue influenciar as mudanças necessárias para a democracia, lutas estas com ordem, paz e tranquilidade. Não somos o primeiro povo a lutar por sua

independência definitiva e a lição das experiências semelhantes é que a luta é sempre difícil, longa e que exige sacrifícios. O que se viu nesta campanha foi que a Emenda Dante de Oliveira foi derrotada, não o povo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo faz o maior comício. 17/04/1984. Disponível em: < http://almanaque.folha.uol.com.br/brasil_17abr1984.htm >. Acesso em: 23/08/2007.

ENCICLOPÉDIA Mirador Internacional. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1995. V. 19.

ENCICLOPÉDIA Wikipédia. Disponível em: < www.wikipedia.org >. Acesso em: 22/08/2007.

BRAGA, R. S. Diretas já: vinte anos. 27/11/2003. Disponível em: < <http://www2.fpa.org.br/portal/modules/news/article.php?storyid=1212> >. Acesso em: 23/08/2007.

GOVERNO DE SÃO PAULO. Diretas. 25/01/1984. Disponível em: < <http://www.saopaulo.sp.gov.br/saopaulo/historia/diretas.htm> >. Acesso em: 23/08/2007.

SENADO FEDERAL. Diretas já: quando o povo cansou de esperar. 11/09/2006. Disponível em: < <http://www.senado.gov.br/jornal/noticia.asp?codEditoria=1729&dataEdicaoVer=20060911&dataEdicaoAtual=20060929&nomeEditiria=Aconteceu+no+senado> >. Acesso em 16/09/2007.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Quero que me esqueçam”: o fim do regime militar. 27/10/2002. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2002/eleicoes/historia-1979.shtml> >. Acesso em 20/09/2007.

HENFIL. Diretas já! Rio de Janeiro: Ed. Record, 1984.

KOTSCHO, Ricardo. Explode um novo Brasil: Diário da campanha das diretas. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.